



O Papel Político do Jornalismo Comunitário: um estudo sobre a promoção da cidadania e a democratização da comunicação por meio da mídia comunitária¹

Laura Luz Pessanha HENRIQUES²
Angelo Sottovia ARANHA³

Resumo 5 a 10

O jornalismo comunitário é uma modalidade do jornalismo em que o público leitor participa diretamente da escolha do conteúdo das edições e influências políticas passam a ser, aparentemente, quase que insignificantes, visto que seu público é menor, normalmente mais humilde e de periferia. Os jornais tradicionais, por sua vez, veiculam direta ou indiretamente inúmeras influências econômicas e políticas, seja pela publicidade, pelos acordos com clubes de serviços e coligações partidárias ou pela própria hierarquia social que existe naturalmente em qualquer sociedade. O presente artigo pondera essas diferenças na influência política entre as duas modalidades de jornalismo a partir de uma análise do conteúdo de jornais da cidade de Bauru - SP, além de uma análise quantitativa dos votos das eleições de 2012. O objetivo é verificar o quanto os jornais comunitários contribuem para a formação da consciência política das comunidades, o que permitirá a percepção da importância, ou não, do noticiário político do jornalismo tradicional entre os moradores das regiões periféricas.

Palavras-chave

eleições 2012; jornalismo comunitário; jornalismo político; influência política; democratização da comunicação.

Influência política como objeto de estudo

O presente artigo propõe um estudo teórico e de campo para definir o papel político e, conseqüentemente, social do jornalismo comunitário por meio de mídia impressa nas comunidades periféricas e carentes da cidade de Bauru, interior de São Paulo.

Dessa forma, está sendo feita uma leitura detalhada de três edições do periódico comunitário Jornal do Ferradura, de quatro edições do também comunitário Voz do Nicéia, e das edições

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), email: lauraluzph@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), email: sottovia@faac.unesp.br



do diário Jornal da Cidade referentes ao período de junho a dezembro do ano de 2011, além da análise dos votos nas seções eleitorais que ficam nos locais de votação mais próximos aos bairros Ferradura Mirim e Jardim Nicéia, pontos escolhidos para feitura da pesquisa.

A pesquisa também foi feita com a pretensão de teorizar como acontece o processo de comunicação horizontal e inclusivo, as diferenças entre o jornalismo comunitário e o convencional, com a finalidade de mostrar como se estabelece a influência política nos periódicos e quais são as diferenças em relação a essas influências em cada modalidade jornalística estudada.

Além disso, parte-se da premissa de que os periódicos comunitários são editados valorizando a promoção da cidadania e a democratização da comunicação, pois o editor não impõe conteúdos e as matérias são feitas a partir de sugestões dos próprios moradores das comunidades beneficiadas. São, portanto, sempre de interesse da maior parte dos leitores. Se não for assim, um jornal não é comunitário.

Os jornais comunitários Jornal do Ferradura e Voz do Nicéia são periódicos bimestrais (eventualmente mensais) gratuitos, produtos de dois projetos de extensão do Departamento de Comunicação Social, coordenados pelo Professor Doutor Angelo Sottovia Aranha, (também orientador do trabalho) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, câmpus de Bauru, e são pautados pela própria população. Já o periódico tradicional Jornal da Cidade é pago e é o meio de comunicação mais tradicional da cidade de Bauru, pois há 45 anos fideliza o seu público.

Os bairros onde os jornais comunitários são distribuídos ficam na periferia da cidade de Bauru, no interior do estado de São Paulo, sofrem com graves problemas de infraestrutura, dificuldades de inclusão social e marginalização. Eles não são atendidos a contento pelas autoridades municipais, sobretudo porque alguns terrenos não são legalizados.

A cidade de Bauru fica no centro geográfico do estado de São Paulo, a 326 quilômetros da capital do estado e em 2011 teve sua população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 348.146 habitantes, a 18ª cidade mais populosa do estado. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,825, considerado o 47º maior do estado. Apesar do alto IDH, a cidade tem uma grande extensão de bairros periféricos com situações de infraestrutura e serviços precários, como as dos bairros Ferradura Mirim e Jardim Nicéia. Segundo o IBGE, em 2010 havia 23 favelas em Bauru (Jardim Ivone, Barreirinho, Ferradura,

Vila Aimorés, Santa. Teresinha, Jardim.Olímpico, Jardim Nicéia, Jardim. Yolanda, Jardim Europa, Vila Zilo, Parque das Nações, Comendador/Santista, Jardim Vitoria, Cutuba, Parque Real, Jardim Andorfato, Parque Jaraguá, São Manoel, Vila Sta. Filomena, J. Gerson França, Jard.im Marise, Jardim Maria Célia e Pousada da Esperança).

Segundo dados do Portal ODM de Acompanhamento Municipal dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, em 2010, 85,6% da população vivia acima da linha da pobreza, 9,6% encontrava-se na linha da pobreza e 4,7% estava abaixo em Bauru.

Os primeiros núcleos de habitações irregulares começaram a se formar em meados da década de 1980, quando muitas pessoas vinham de outras cidades à procura de melhores condições de vida e iam se afixando nos aglomerados subnormais, que se proliferaram pelo fato de Bauru ter tido uma precária política de habitação e não ter uma secretaria com essa especificidade. Essa ocupação não planejada causa também problemas nos loteamentos irregulares, que são áreas onde ainda não há posse legal da terra, embora em muitos deles processos de regularização estejam em andamento.

Que alvos atingir com esse estudo?

O objetivo central deste trabalho – é realizar um estudo do Jornalismo Comunitário, com base nos Jornais Comunitários Jornal do Ferradura e Voz do Nicéia, e na bibliografia indicada, e fazer uma comparação com o jornalismo tradicional, baseada em um estudo de comparação com o Jornal da Cidade. Com isso, pode-se refletir sobre a influência política no jornalismo comunitário, bem como sobre o papel do jornalismo político nos periódicos tradicionais.

Além disso, esse artigo tem o intuito de, a partir da análise feita do conteúdo de algumas edições do Jornal do Ferradura, do Voz do Niceia e do Jornal da Cidade, apontar as principais diferenças no conteúdo e nas propostas de cada um desses periódicos.

Para posteriormente poder descobrir, por meio de pesquisa, a preferência eleitoral dos moradores da periferia de Bauru e se os candidatos de sua preferência também foram os mais votados na cidade como um todo e, assim, definir o papel da influência política na imprensa atual, tendo como base o contexto da consolidação da indústria cultural na pós-modernidade, atentando-se às grandes empresas jornalísticas.



A pesquisa também ajuda a contextualizar o desenvolvimento do jornalismo comunitário na história do jornalismo, refletir sobre a produção de Jornais Comunitários na imprensa brasileira e sobre a relevância do espaço dedicado à política nesses periódicos, e identificar critérios de jornalismo político, bem como a presença de padrões éticos ou não, no jornalismo tradicional e comunitário.

O Jornalismo Comunitário

Quando se ouve a expressão jornalismo comunitário, normalmente a tendência é pensar em veículos destinados a públicos carentes, mas não é exatamente assim que se define essa modalidade de jornalismo. Um jornal comunitário pode ser feito até dentro de um condomínio fechado, desde que o ambiente atenda aos requisitos e padrões éticos peculiares aos jornais pautados seus próprios públicos- alvo.

Para ser considerado um jornal comunitário, o produto deve atender aos interesses da comunidade (bairro, favela, município, vila, distrito, etc.) ou ser produzido por moradores dessa comunidade.

Essa conceituação (de comunidade) destaca dados importantes, tais como a base territorial da comunidade, o agregado populacional que atravessa os processos demográficos de nascimento, morte e migração, o aspecto psico-social, ou seja, o sistema de relações, de expectativas de comportamento, atitudes e hábitos que se estabelecem entre os grupos participantes e o aspecto cultural, isto é, os valores e ideias de comunidade. DORNELLES (2004, p.132)

O conteúdo de uma publicação assim deve ser primeiramente voltado para o local e para prestação de serviços. O regional, o estadual, o nacional e o mundial aparecem minimamente nos assuntos tratados, desde que as informações sejam importantes para contextualizar o fato local. Normalmente, os textos são mais opinativos que os da imprensa convencional e o público- leitor é bem mais próximo aos jornalistas.

Claro que não é possível a um grande jornal, que é uma empresa com finalidade de lucro, tratar dos problemas de cada pequena comunidade, de cada bairro da cidade. Para isso é que tem que existir a imprensa comunitária. CALLADO & ESTRADA (1985, p. 8)

No caso dos jornais comunitários estudados, Jornal do Ferradura e Voz do Nicéia, ambos feitos em bairros da periferia da cidade de Bauru, o Ferradura Mirim e o Jardim Niceia, respectivamente, o público-leitor é de classe baixa, convive com as infraestruturas precárias dos bairros e apresentam baixa escolaridade, por isso a linguagem dos periódicos é mais simples e informal.

Normalmente, a equipe da redação é feita por voluntários e o jornal é patrocinado por publicidade local, entidades assistencialistas ou filantrópicas. No caso dos produtos estudados, a verba vem da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex) e são editados por alunos de jornalismo de todos os períodos da Unesp-Bauru, bolsistas e não-bolsistas.

As etapas para produção de um jornal comunitário não são muito diferentes das de um jornal convencional, como está explicado no trecho do livro *Como se Faz um Jornal Comunitário* (CALLADO & ESTRADA, 1995), que apesar de um pouco ultrapassado ainda expressa bem os princípios da mídia comunitária.

Para colocar na rua um jornal, isto é, um veículo impresso de informações, opiniões e comentários, é preciso percorrer as seguintes fases: planejamento, coleta de informações, redação, edição (incluindo edição de texto, ou copidesque, e diagramação), composição, revisão de texto, montagem, edição, revisão de página, fotolitagem (ou produção de flan), chapeamento, impressão e distribuição.” CALLADO & ESTRADA, (1985, p. 11 e 12)

Os temas mais comuns nas reportagens dos jornais comunitários são problemas de infraestrutura como falta de asfalto, de iluminação, de posto de saúde, e programas sociais, como o projeto do governo federal “Minha Casa, Minha Vida”, entre outros.

O fundamental para um jornal comunitário é seu conteúdo e a eficiência com que sua mensagem chega aos membros da comunidade. Formato, tipo de papel e técnicas de impressão vão depender das necessidades de tiragem e das disponibilidades financeiras do grupo responsável pelo jornal e da própria comunidade. CALLADO & ESTRADA (1985, p. 35)

Uma ideia fundamental no jornalismo comunitário é a que se refere à capacitação do público-leitor do jornal, ou seja, dos moradores, que devem aprender técnicas de jornalismo para que eles mesmos possam, um dia, produzir conteúdo sem ajuda externa de redação, edição e diagramação.

Assim, as práticas comunicativas das comunidades, para aperfeiçoarem seus processos, devem ampliar as possibilidades de expressão e diálogo de seus membros, tornando- os aptos a participar das conversações sociais. Trata- se de pensar a comunicação como esforço colaborativo que promova compreensão e compartilhamento de entendimentos. LIMA (2006, p. 208)

Para concluir, um jornal comunitário é movido pela participação da comunidade. Não é suficiente que ele seja feito por um grupo de pessoas dedicadas, com bons propósitos, ambiciosos por mudanças e luta social. O produto comunitário só fará seu papel se souber dialogar com o público, tornando-se um espaço de exposição de ideias, reivindicações e desacordos.

A Influência Política

É muito difícil definir como é feita a influência política em um período da história em que a maior parte dos meios de comunicação se diz apertidário e imparcial. O que realmente acontece é um controle mascarado e isso dificulta perceber as reais intenções de uma notícia veiculada em um meio de comunicação.

No caso dos jornais comunitários não há também um posicionamento político aberto, mas também não há nada mascarado, o que acontece é que os jornais comunitários não são empresas como os jornais tradicionais e por isso não visam o lucro e patrocinadores políticos, a verba que viabiliza o jornal é unicamente usada para sua produção, pois na maioria dos casos os funcionários são voluntários e o jornal é distribuído gratuitamente.

Mas nem toda influência praticada por um periódico é negativa. Estímulos como o da informação, do diálogo, da educação, da organização e da mobilização podem transformar não só os hábitos de uma população, como a sociedade em que ela vive. Como está explicado no livro *Jornalismo Popular*, “jornal serve para orientar as discussões, decidir rumos de ação, provocar e divulgar essas ações.” (CELADEC, 1980, p. 14)

No caso dos jornais tradicionais, há casos em que os próprios donos dos jornais são políticos e, mesmo que não abertamente, isso altera a neutralidade das publicações, desde a escolha das pautas até a seleção das matérias de cobertura que vão ser feitas.

Mas a “vítima” da influência pode não ser o leitor, e sim o próprio jornalista que, por ingenuidade ou falta de “faro”, acaba promovendo algum político sem nem saber como acabou fazendo isso.

O fato é que, de um jeito ou de outro, a Lua existe, mesmo quando não aparece no céu. Nunca se deve perder isso de vista. Entender os interesses existentes por trás dos discursos é fundamental na cobertura política. MARTINS (2011, p. 63)

Uma boa maneira de fugir de uma influência indesejada e negativa é se informar e refletir sobre as informações que se recebe, para que elas não sejam simplesmente engolidas, mas sim digeridas e contestadas, se assim se fizer necessário.

O Jornalismo Político

A história do jornalismo é tão antiga quanto difícil de ser classificada. Basicamente, o trabalho de um jornalista sempre foi descrever eventos, algo que é conhecido como reportagem, mas há muito mais na função do jornalista que uma simples descrição.

No Brasil, o jornalismo já mudou de cara várias vezes e atualmente sua maior preocupação é informar o leitor e não convencê-lo de algo, além de separar nitidamente a informação da opinião na cobertura política, mesmo que na página editorial seu apoio a um determinado político seja escancarado.

Ou seja, longe de estar desaparecendo, a imprensa de opinião tende a florescer no meio eletrônico da internet, em que os custos são compatíveis com a envergadura de seu público. Mas nos jornais diários, dificilmente ela voltará a dar o tom. Essa fase acabou. MARTINS (2011, p. 20 e 21)

Um bom jornalista político precisa conversar com muita gente, pessoas de todos os tipos. Políticos, por mais que sejam honestos, sempre conseguem uma forma de se promover. Deve frequentar os ambientes políticos, como câmara de vereadores, prefeituras, congressos e senado. Muitas das sessões são abertas ao público e são um direito dos cidadãos. Ter opinião também é algo essencial para um jornalista, mesmo que a isenção deva ser sempre buscada.

É claro que há risco de o repórter não ser isento porque tem opinião, mas isso é algo que pode ser resolvido com a autocrítica do profissional e a

vigilância dos chefes. Por outro lado, quem disse que o repórter sem opinião é isento? Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Em compensação, a cobertura feita por um repórter que não pensa será sempre medíocre, sem ponto de partida e sem rumo.” MARTINS (2011, p. 77)

Mesmo com um menor conteúdo de opinião, os jornais tradicionais veiculam direta ou indiretamente inúmeras influências políticas, seja pela publicidade, pelos acordos com clubes de serviços e coligações partidárias ou pela própria hierarquia social que existe naturalmente em qualquer sociedade. Além disso, todos pertencem a empresas e priorizam o lucro a curto, médio ou longo prazo. No caso dos jornais comunitários, normalmente essas influências passam a ser quase que insignificantes, visto que seu público é menor, e normalmente mais humilde e de periferia. Ou seja, as diferenças das gestões desses dois tipos de jornal causam as distinções nos conteúdos políticos também.

Para finalizar

Com base nos dados coletados, nas análises qualitativas e quantitativas e na fundamentação teórica estudada é possível concluir que os jornais comunitários não têm pretensões de influenciar o pensamento político do seu público-leitor e sim estimular uma conscientização política quanto a direitos e deveres como cidadãos.

Por meio da análise dos jornais comunitários *Jornal do Ferradura* e *Voz do Nicéia*, fica nítido que quase todas as referências políticas apresentadas são da prefeitura municipal ou do governo do estado como um todo e não nomes específicos de políticos. Ou seja, como o jornal não tem outros interesses, sejam partidários ou econômicos, senão o de informar, não há necessidade de promover ninguém.

As reivindicações dos moradores têm pautado todas as edições dos Jornais Comunitários de forma que eles demonstram estar conscientes do que poderia ser feito por seus bairros. Mesmo sendo bimestrais e não diários, e nem haveria conteúdo inusitado para essa periodicidade, os jornais comunitários têm impacto significativo por levarem em consideração todas as propostas dos moradores que não sejam doutrinárias ou de interesses de pequenos grupos.



Sendo assim, tem-se a impressão de que pouco importa para os moradores conhecer os titulares das secretarias municipais ou mesmo os vereadores que têm voz com maior frequência nos jornais.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Angelo Sottovia. **A Função do jornalismo comunitário hoje**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 1998. Programa de Pós Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista. UNESP. Campus de Bauru.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As Técnicas do Jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BUENO, Wilson. **A Imprensa Comunitária do interior: uma tentativa de sistematização**. In: Cadernos de Jornalismo e Editoração Eletrônica da ECA/USP, número 10, 1979.

CALLADO, A. A. & ESTRADA, M.I.D. **Como se faz um Jornal Comunitário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CELADEC. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Paulinas, 1984.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo "Comunitário" em cidades do interior**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Rafaela Pereira. **Mídias Comunitárias, Juventude e Cidadania**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica/ Associação Imagem Comunitário, 2006.

LOPES, Eduarda Escila Ferreira. **A comunicação Social e sua eficácia no Programa de Desfavelamento de Bauru**. 1996. Monografia. (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social Habilitação em Relações Públicas). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus de Bauru.



LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MACHADO, Vanessa de Paula. **Jornal Comunitário: Estímulo à Mobilização Social**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso). 2008. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. UNESP. Campus de Bauru.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser Jornalista: A língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **O Capital da Notícia: Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Quem manipula quem?**. 2. Ed. São Paulo : Vozes, 1987.

MATTIA, Olívar & LAZZAROTTO, Valentim. **Comunicação Popular: Perfil, História e Alternativas das Falas de um Povo**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MOREL, Marcos. **Jornalismo Popular nas Favelas Cariocas**. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1986.

MEYER, Philip. **A Ética no Jornalismo: Um Guia para Estudantes, Profissionais e Leitores**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1989.

PERUZZO, Cícilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análise de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara, 2004.

PROENÇA, José Luiz. **Contribuição para o Estudo de Jornalismo de Bairros**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). 1984. Coordenadoria de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo.

SANTOS, Vanessa Matos dos. **O Jornalismo Comunitário Resgatando a Cidadania**. Projeto Experimental (Trabalho de Conclusão de Curso). 2005. Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação. UNESP. Campus de Bauru.



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

SILVA, Gislene Rosa. **Identidade da periferia: O Papel das Rádios Comunitárias na Construção da Cidadania**. Monografia de especialização em Jornalismo Social. PUC, São Paulo, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Outras Referências

ASSOCIAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS DE BAIRRO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.ajorb.com.br/> Acesso em: 30 de maio de 2013.

ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA. Disponível <http://www.aic.org.br/> Acesso em: 16 de maio de 2013.

CIDADE LEGAL. Disponível em www.cidadelegalsp.blogspot.com.br Acesso em: 16 de maio de 2013.

EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: PROMOVEDO A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA NO BAIRRO FERRADURA MIRIM. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/644/527> Acesso em: 22 de maio de 2013.

OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS. Disponível em <http://www.observatoriodefavelas.org.br> Acesso em: 31 de maio de 2013.

PORTAL ODM 2010 – PERFIL MUNICIPAL BAURU –SP. Disponível em <http://www.portalodm.com.br/> Acesso em: 6 de junho de 2013.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em <http://www.tse.jus.br> Acesso em 2 de junho de 2013.

23ª Zona Eleitoral de Bauru
Rua Antônio Alves, número 21-35, Bairro Vila Santa Tereza
Bauru – SP
CEP: 17012-060
Telefone: +551432327242
Juiz eleitoral responsável: Doutor Gilmar Ferraz Garmes



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

387ª Zona Eleitoral de Bauru
Rua Sete de Setembro, número 12-66, Centro
Bauru, São Paulo
CEP:17015-032
Telefone:+551432329397
Juiz eleitoral responsável: Doutor Benedito Antônio Okuno